

## Educação Física: “um bicho mais estranho que o ornitorrinco”

Physical Education: “a stranger animal than the platypus”

Educación Física: "uno animal más extraño que el ornitorrinco"

Recebido: 15/12/2020 | Revisado: 23/12/2020 | Aceito: 01/01/2021 | Publicado: 02/01/2021

**Silas Alberto Garcia**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9798-8219>

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

E-mail: [silasgarcia11@gmail.com](mailto:silasgarcia11@gmail.com)

**Paulo Evaldo Fensterseifer**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4914-5281>

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: [fenster@unijui.edu.br](mailto:fenster@unijui.edu.br)

**Ricardo Rezer**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2664-9292>

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

E-mail: [rrezer@hotmail.com](mailto:rrezer@hotmail.com)

### Resumo

O presente ensaio, com caráter reflexivo, se constitui a partir do objetivo de elucidar sobre o campo da Educação Física (EF) brasileira através de uma analogia com o ornitorrinco. A justificativa para tal intuito é que existem “similitudes metafóricas” entre o ornitorrinco e a EF. Com a intenção de desenvolver esta metáfora, no primeiro tópico, apresentamos algumas “aproximações” entre o ornitorrinco e a EF. Já no segundo tópico, procuramos discutir e luzir algumas possibilidades para se pensar a EF, especialmente, no que concerne à pluralidade epistemológica do campo, como sendo uma possível alternativa de unidade (relativa) em meio as distintas Educações Físicas. Apostamos na disposição dialógica para a pluralidade do campo da EF brasileira, buscando reconhecimento pelas singularidades que o constituem (para desespero dos catalogadores de plantão).

**Palavras-chave:** Educação física brasileira; Pluralidade; Identidade epistemológica.

### Abstract

The present essay, with a reflective character, is constituted from the objective of elucidating about the field of Physical Education (EF) in Brazil through an analogy with the platypus. The justification for this aim is that there are “metaphorical similarities” between the platypus and EF. With the intention of developing this metaphor, in the first topic, we present some “approximations” between the platypus and EF. In the second topic, we tried to discuss and rutilate some possibilities to think about PE, especially with regard to the epistemological plurality of the field, as a possible alternative for (relative) unity among the different Physical Educations. We bet on the dialogical disposition for the plurality of the field of Brazilian EF, seeking recognition for the singularities that constitute it (to the despair of the catalogers on duty).

**Keywords:** Brazilian physical education; Plurality; Epistemological identity.

### Resumen

El presente ensayo, de carácter reflexivo, se constituye a partir del objetivo de elucidar sobre el campo de la Educación Física (EF) en Brasil a través de una analogía con el ornitorrinco. La justificación de este objetivo es que existen “similitudes metafóricas” entre el ornitorrinco y EF. Con la intención de desarrollar esta metáfora, en el primer tema presentamos algunas “aproximaciones” entre el ornitorrinco y EF. En el segundo tema, intentamos discutir y rutilizar algunas posibilidades para pensar en la EF, especialmente en lo que respecta a la pluralidad epistemológica del campo, como una posible alternativa de unidad (relativa) entre las distintas Educaciones Físicas. Apostamos por la disposición dialógica por la pluralidad del campo de las EF brasileñas, buscando el reconocimiento de las singularidades que lo constituyen (para desesperación de los catalogadores de turno).

**Palabras clave:** Educación física brasileña; Pluralidad; Identidad epistemológica.

## 1. Introdução

A constituição histórica da Educação Física (EF) brasileira pode ser retratada como um mosaico. Em cada período histórico do Brasil, ela foi concebida de um certo modo. Uma das leituras do histórico da EF (esta divisão de tendências é apenas uma das proposições de leitura da história da EF, entre outras) narra que, na sua gênese, ela esteve atrelada ao

higienismo, depois se perfila à perspectiva militarista, na sequência passa pelo viés pedagógico, no período ditatorial transita pela tendência competitivista e, nos anos de 1980, tivemos o vislumbre de uma EF popular<sup>1</sup> (Ghiraldelli Júnior, 1997).

Esta contribuição de Ghiraldelli Júnior ainda nos ajuda a pensar a historicidade da EF, contribuindo para compreendermos o “caldo cultural” no qual a EF contemporânea se assenta. Porém, cabe lembrar também que a EF se insere no contexto escolar em meio a Reforma Couto Ferraz, em 1851 (a reforma foi oficializada três anos depois, em 1854)<sup>2</sup>. Neste caso, de acordo com Betti (1991), a ginástica passa a ser a protagonista no ensino primário, seguida da dança, no ensino secundário, representando os elementos constituintes das atividades promovidas da EF na escola.

A reforma, bem como, cada uma das tendências mencionadas anteriormente engendrou certas características ao âmago da EF brasileira. Todavia, as transformações neste campo não se esgotam nesta breve síntese. Em meados da década de 80, pesquisadores do campo, como Medina (1990), entre outros, avistaram a necessidade de a EF ter que passar por uma crise (um campo que teria de se “perder” para se “encontrar”). Crise já vislumbrada no final da década de 70 (Soares, 1994). Mediante a este marco, surge na esfera da EF uma efervescente querela ideológica, política, metodológica e epistemológica (Lima, 2000).

Em consonância com Lima (2000), a EF não passou apenas por uma crise, mas sim por crises. Isto porque, num primeiro momento, final dos anos 70 e fundamentalmente nos anos 80, dentro do processo de redemocratização do Brasil, presenciaram-se discussões políticas-ideológicas voltadas para a tentativa de dar à EF uma nova identidade, ao passo que, no segundo momento, sobretudo, a partir da década de 90, os embates se transferiram para o campo epistemológico.

Já no começo do século XXI até a hodiernidade, os debates epistemológicos no campo da EF se transfiguraram para um novo plano, o que se nota é uma prática epistemológica pluralista, tanto teoricamente, quanto politicamente (Almeida & Vaz, 2010). Apesar disso, há no campo, uma tendência de classificações e rotulações epistemológicas (herança de uma lógica moderna). Segundo Almeida, Bracht e Vaz (2012), essas classificações e rotulações são marcadas por duas categorias, uma que separa a produção do conhecimento da área em três matrizes da ciência (empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética) e a outra que incita a polarização entre o moderno e o pós-moderno.

Destarte, mesmo diante de todas essas querelas epistemológicas, não podemos e não conseguimos (felizmente) ainda dar uma resposta peremptória do que “é” a EF (Fensterseifer, 2010), o que não nos desobriga a qualificar nossa possibilidade de enfrentar a questão. Diante disto, o presente ensaio, com caráter reflexivo, se constitui a partir do objetivo de elucidar o campo da EF brasileira através de uma analogia com o ornitorrinco. A justificativa para tal intuito é que existem “similitudes metafóricas” entre o ornitorrinco e a EF. Com a intenção de desenvolver esta metáfora, no primeiro tópico, apresentamos algumas “aproximações” entre o ornitorrinco e a EF. Já no segundo tópico, procuramos discutir e rutilar algumas possibilidades para se pensar a EF, especialmente, no que concerne à pluralidade epistemológica do campo como sendo uma possível alternativa de unidade em meio as distintas Educações Físicas.

---

<sup>1</sup> É válido a ressalva de que há a compreensão que “. . . tendências que se explicitam numa época estão latentes em épocas anteriores e, também, tendências que aparentemente desaparecem foram, em verdade, incorporadas por outras” (Ghiraldelli Júnior, 1997, p. 16).

<sup>2</sup> A Reforma Couto Ferraz, Decreto n. 1.331A-1854 de Luiz Pedreira do Couto Ferraz, foi um projeto que traçava linhas gerais sobre a instrução pública do Império, e tinha como objetivo central estender o ensino público. Para Leonel (1994), o ensino começava a ser visto como uma forma de “propor” formas de pensar e manter a condição subalterna da população. Nas palavras dela, “. . . era preciso assenhorar-se das almas, ao conceder liberdade religiosa ao homem na vida privada, impondo-lhes os deveres para com Deus, e assenhorar-se dos espíritos, impondo-lhes os deveres para com o Estado” (p. 158). No que tange a obrigatoriedade da EF nas escolas do município da Corte prevista na reforma, esta não se deu sem polêmicas. De modo geral, houve grande contrariedade por parte dos pais em ver seus filhos envolvidos em atividades que não tinham caráter intelectual, nesta lógica, função central da escola. No que se refere aos meninos, a tolerância era um pouco maior, já que a ginástica, em maior ou menor medida, associava-se às instituições militares. Porém, em relação às meninas, houve inclusive, pais que proibiram a participação de suas filhas. Sobre a EF na Reforma, consultar “Linha do Tempo”, disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/CAEF/PCNeducfísica/linhatempo.htm>, acesso em 18/09/2020.

## 2. O Ornitorrinco e a Educação Física

Em conformidade com Romero (1976), o ornitorrinco (*Ornithorhynchus anatinus*) é um animal – natural da Austrália – demasiadamente enigmático e estranho (estranho se tomarmos como definição os animais “normais”, bem categorizados em suas classes – o ornitorrinco parece aqueles livros que temos, que não sabemos bem em que parte da estante colocar), posto que ele apresenta cauda semelhante a de um castor, bico, patas com membranas interdigitais, bota ovo, possui glândulas mamárias e, ainda, o macho desta espécie tem um esporão que libera uma toxina. Todas essas características, contidas em apenas um animal, gerou uma excessiva dificuldade para compreendê-lo, defini-lo e classificá-lo, tanto que nos estudos primários ele foi visto como uma farsa, como um animal fabricado em laboratório. Após muitos embates e divergências entre biólogos por cerca de 100 (cem) anos de estudo, o ornitorrinco foi classificado como um mamífero, mas para isso foi necessário a criação de uma nova ordem na classe dos mamíferos que foi denominada de monotremados.

No campo da sociologia, Oliveira (2003) utilizou o ornitorrinco para fazer uma analogia com a maneira excêntrica em que o capitalismo se desenvolveu na sociedade brasileira. Em vista disso, o autor denominou de forma metafórica, o Brasil como sendo um ornitorrinco<sup>3</sup>. Do mesmo modo, as peculiaridades e exotismo do ornitorrinco nos fizeram matutar uma analogia com o campo da EF. Surgiu-nos a impressão de que o ornitorrinco seria uma profícua metáfora para pensar a EF. Isto seria possível? É sobre esta questão que pretendemos elucubrar no desenrolar deste tópico.

A EF brasileira, assim como o ornitorrinco, possui diversas peculiaridades e excentricidades. A primeira semelhança é que ambos são difíceis de serem “definidos” (caberia lembrar que, fácil de definir, são apenas as pequenas coisas). Grosso modo, ao fazermos uma análise do percurso histórico da EF no Brasil notamos que ela, assim como todos os campos do conhecimento, sempre esteve passando por transformações.

Castellani Filho (1988) assevera que no decorrer de cada período da sua história, a constituição da EF foi marcada por ter encarnado variados papéis. Neste sentido, estes papéis que foram sendo encarnados contribuíram para o delineamento da composição de parte da EF que conhecemos hoje. Dizemos parte, porque os escritos de Ghiraldelelli Júnior e Castellani Filho foram desenvolvidos e publicados no final da década de 80, logo, não abarcam – por questões cronológicas – as “mutações” da EF a partir da década de 90.

Medina (1990) em sua clássica obra “A Educação Física cuida do corpo e ... ‘mente’”, publicada inicialmente em 1983, endossou a imprescindibilidade de acontecer uma crise no campo da EF. Fazendo menção a isto o autor faz a seguinte colocação:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo (Medina, 1990, p. 35).

Subsequente a isto, diversos pesquisadores passaram a defender essa premissa também. Como culminância disto, foram deflagradas no campo da EF “crises”. A priori, as discussões estavam centradas num viés político-ideológico em que o propósito era tentar definir uma identidade para a EF em consonância com a dualidade da “guerra fria”. Assim, a partir da

---

<sup>3</sup> Ao escrever o prefácio do livro “Crítica da razão dualista: o ornitorrinco”, Roberto Schwarz reflexiona que “a comparação com o ornitorrinco, um bicho que não é isso nem aquilo (um “herói sem nenhum caráter”), serve ao crítico para sublinhar a feição incongruente da sociedade brasileira, considerada mais no que veio a ser do que nas suas chances de mudar. A transformação do Brasil em ornitorrinco se completou, segundo Francisco de Oliveira, com o salto das forças produtivas a que assistimos em nossos dias. Este foi dado pelos outros e não é fácil de repetir. A Terceira Revolução Industrial combina a mundialização capitalista a conhecimentos científicos e técnicos, os quais estão sequestrados em patentes, além de submetidos a um regime de obsolescência acelerada, que torna inútil a sua aquisição ou cópia avulsa. Do ponto de vista nacional, o desejável seria incorporar o processo no seu todo, o que entretanto supõe gastos em educação e infra-estrutura que parecem fora do alcance de um país pobre e incapaz de investir. Nessas circunstâncias de neoprejuízo, os traços herdados do subdesenvolvimento passam por uma desqualificação suplementar, que compõe a figura do ornitorrinco” (Oliveira, 2003, p. 12).

década de 90, “. . . o estado de ‘indefinição epistemológica’ da Educação Física passa a ser o sintoma imediato de sua ‘crise’ (de identidade)”. (Lima, 2000, p. 96).

À vista disso, Lima (2000) explana que, como resultante do debate epistemológico, surgiram duas vertentes: a científica e a pedagógica. A vertente científica era composta pelas propostas da “Ciência da Motricidade Humana”; da “Ciência do Movimento Humano”; da “Cinesiologia”; e das “Ciências do Esporte”, enquanto que na vertente pedagógica tinha-se “a cultura corporal de movimento”; “a EF como ciência da prática”; a “EF como a arte da mediação”; e a “teoria da EF como um campo dinâmico de pesquisa e reflexão”. Em conformidade com Bungenstab (2020, p. 2), a vertente científica tinha como objetivo a “. . . constituição de uma nova ciência, independente dos contornos que a EF iria revestir, recebendo um tratamento secundário”, ao passo que a vertente pedagógica buscava afirmar “. . . a EF como uma prática pedagógica e social”.

Mesmo com estas diversas “mutações” que a EF passou e com todas essas propostas que estavam inseridas nas vertentes científicas e pedagógicas, não se “resolveu” (felizmente) a crise de identidade da EF, afinal, como nos coloca Fensterseifer (2011), é impossível afirmarmos indubitavelmente o que “é” a EF. Neste sentido, a EF assemelha-se ao ornitorrinco, por também encontrar dificuldades na sua definição identitária, mas nem por isso ele deixa de existir e se reproduzir, tal como a EF.

Para a definição e classificação do ornitorrinco como um mamífero da ordem dos monotremados, os pesquisadores levaram cerca de 100 anos (Romero, 1976). Já a EF, desde o início da deflagração de suas crises na década de 80, passaram-se aproximadamente 40 anos e ainda a crise de identidade perdura no campo<sup>4</sup>. Estudos recentes, como os de Souza (2019a; 2019b) corroboram com isto, posto que este autor traz à tona novamente, a partir de redescrições epistemológicas, a necessidade de garantir ao campo da EF seu objeto, que em sua análise seria o movimento humano (algo longe de ser consensual). Sobre isto o autor diz o seguinte:

Mais que isso, vou declarar que a EF não só vem desenvolvendo sua performance científica como já tem um objeto de estudo e atuação que lhe é próprio e abrange um conjunto sistemático de ações investigativas, formativas e profissionais estruturante de sua relativa autonomia. Esse objeto, por seu turno, denomina-se movimento humano. Perspectivada nesses termos, a EF tratar-se-ia da ciência do como se-movimentar ou, mais designadamente, da ciência aplicada do movimento humano (Souza, 2019b, p. 44).

Considerando o movimento do próprio campo, a assertiva de Souza, especialmente em sua parte final, parece desconsiderar que pensar a EF como ciência parece não fazer mais sentido, após a ampla discussão do próprio campo acerca do tema (o que não quer dizer que o campo não trabalhe sustentando-se com e por meio de diferentes ciências). Da mesma forma, a ideia de aplicabilidade parece não considerar a ideia de um campo do conhecimento que resiste a fortes tendências de cientificização. Aqui, dois aspectos importantes de serem considerados.

Outro nexos entre o ornitorrinco e a EF refere-se à heterogeneidade da sua composição. O ornitorrinco é um animal que possui traços e características de espécies distintas, por exemplo, ele possui glândulas mamárias (característico dos mamíferos) e, ao mesmo tempo, bota ovo (típico dos ovíparos). Já a EF, em consonância com Bracht (2003), a partir da década de 70 foi povoada por profissionais de outras subáreas, como psicólogos, sociólogos, médicos, filósofos, pedagogos, etc., o que fez a área se tornar multidisciplinar. Da mesma forma, professores de EF foram – e continuam indo – “beber” em outras fontes, tais como Educação, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Medicina, Saúde Coletiva, entre outras. Em vista disto, o campo da EF passou a ser orbitado por todas as clássicas matrizes teóricas do conhecimento (empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética) e a partir do século XXI pelas teorias denominadas de “pós-modernas” (Almeida & Vaz, 2010).

---

<sup>4</sup> No caso do ornitorrinco foi algo razoavelmente fácil, se considerarmos que nós humanos que o definimos, ele “não diz nada de si”, o que não é o caso da EF. Portanto, de nada adiantaria uma definição externa ao movimento da própria área, o que caracterizaria um processo de colonização.

Alguns campos de saber empregam como base para seus estudos e intervenções as teorias e os métodos tanto das ciências naturais como das ciências humanas. Esse é o caso da educação física, um campo “multi” ou “inter” disciplinar do conhecimento, que se caracteriza pelo estudo e pesquisa com fins de intervenção pedagógica. A educação física articula as teorias e os métodos de várias outras ciências que podem ser chamadas de “disciplinas-mãe” (Souza, 2019b, p. 82).

Assim como ocorreu vários embates e divergências sobre em qual classe e ordem o ornitorrinco deveria ser integrado, houve e ainda há no campo da EF, uma querela epistemológica que polariza, classifica, rotula e até desprestigia certas teorias, na tentativa de afirmar uma matriz teórica como sendo a mais apropriada e profícua para a área. Tal questão se iniciou na década de 90 e ainda paira na hodiernidade (Almeida, Bracht, & Vaz, 2012; Bungenstab, 2020).

Uma das polarizações – se é que pode assim dizer – surgiu a partir das proposições das vertentes da EF (científica e pedagógica). Por conseguinte, cada proposta contida nas vertentes se ancorou numa matriz do conhecimento para tentar se justificar. A título de exemplo, propostas como a de Go Tani (“Cinesiologia”) (Tani, 1996) e Canfield (“Ciência do Movimento Humano”) adotaram a matriz empírico-analítica, ao passo que as de Bracht (a cultura corporal de movimento) e Gamboa (“a EF como ciência da prática”) se respaldaram no materialismo histórico dialético (“matriz crítico-dialética”) (Lima, 1999).

Cabe evidenciar que as posições teóricas de alguns autores vão “mudando” ao longo do tempo, o que demonstra a dificuldade de “manter posição” em torno de uma matriz teórica ao longo da história – pensar a EF nos anos de 1980 representava um empreendimento bem distinto de pensar este campo em 2020. Valter Bracht, por exemplo, se desloca da vertente do materialismo, tal como mencionado, em direção à hermenêutica, movimento realizado ao longo de sua trajetória (mais um “dificultador” para as sôfregas tentativas de classificação epistemológica do campo, tal como expresso a seguir).

Outrossim, Almeida, Bracht e Vaz (2012) dissertam que na década de 90 surgiu um “sistema paradigmático” de análise e classificação das pesquisas da EF. Este sistema demarcou o campo da EF através de três matrizes do conhecimento, a empírico-analítica, a fenomenológica-hermenêutica e a crítico-dialética, todavia, os autores criticam essa forma de classificação porque

ela é insuficiente para caracterizar a complexidade, as nuances e a diversidade teórica e política presente atualmente no âmbito de nossa discussão epistemológica. Não é possível enquadrar vários autores e suas contribuições, presentes na atividade epistemológica, em uma daquelas três matrizes (Almeida, Bracht, & Vaz, 2012, p. 243).

Essa polarização continua em voga, mas houve uma bifurcação e, assim, engendrou-se uma disputa entre modernos e pós-modernos (Almeida, Bracht, & Vaz, 2012; Bungenstab, 2020). Essa conjuntura de ambivalência teórica-epistêmica centelhou o processo de classificações e rotulações pejorativas. Por sua vez, Bungenstab (2020, p. 10) pondera que

estas classificações podem desabonar rótulos na análise da produção do conhecimento da área, uma vez que oferecem análises frágeis e reducionistas das perspectivas enquadradas em determinados rótulos. Assim, ao invés de qualificar o debate e fazê-lo avançar, estas classificações acabam produzindo novos mal-entendidos e avaliações frágeis das perspectivas que nelas são enquadradas.

Destarte, as reflexões realizadas até aqui pretenderam denotar algumas similitudes a partir de analogias entre o ornitorrinco e a EF. Revisitando a premissa inicial deste tópico de que o ornitorrinco seria uma profícua metáfora para se pensar a EF, ponderamos que o ornitorrinco, por mais estranho, exótico e particular que seja, foi definido e classificado, enquanto que a EF não possui uma identidade “definida”, pois, vive “brigando” com suas próprias características e não se “aceita como é”. Logo, a EF é o “bicho mais exótico que existe”<sup>5</sup>. Entretanto, como o ornitorrinco levou 100 anos para ser definido e a EF está na busca da sua identidade há 40 anos aproximadamente, pode-se utilizar o ornitorrinco como uma

---

<sup>5</sup> De memória, lembramos de Schopenhauer, que quando perguntado sobre quem ele era, teria respondido: agradeceria muito se alguém dissesse quem eu sou.

personificação transeunte da EF. Na perspectiva evolucionista, o ornitorrinco aparece como um animal de transição. Quem sabe a EF não seja isso? Derivando dela novas, especiações, como a Dança, o Esporte, a Ginástica, etc., novos campos de formação/intervenção.

Além disso, finalizando este tópico, convém reconhecer que distintas sociedades científicas potencializam também, distintas epistemologias que “transitam” no interior da EF contemporânea. Por exemplo, só no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), são 13 Grupos de Trabalho Temático (GTT), ou seja, 13 “Educações Físicas” que, ora se aproximam, ora se afastam, ora competem entre si, ora se ignoram<sup>6</sup>. Isso exemplifica como se produz o conhecimento de campos como a EF: sociedades científicas, programas de pós-graduação, professores em situações de intervenção, universidades, intelectuais e pesquisadores, conselho federal, grupos de pesquisa, enfim, segmentos que procuram dar um sentido para a EF, de acordo com determinados interesses e possibilidades, alguns mais próximos entre si, outros mais distantes.

Reconhecer este complexo “jogo” nos permite também, reconhecer a existência de projetos antagônicos que disputam por hegemonia no campo. Eis a pluralidade do campo, uma potência da EF, bem como, uma fragilidade, algo que a coloca em uma condição paradoxal no cenário contemporâneo das ciências humanas e da saúde, bem de acordo com a metáfora do ornitorrinco.

### **3. Possibilidades para Pensar a EF Contemporânea: um Elogio à Pluralidade Epistemológica**

Os estudos de Souza (2019a; 2019b) permitem refletir – através de uma reescrita epistemológica – nas discussões sobre a indefinição do objeto e da identidade da EF. O autor advoga que a EF precisa definir o movimento humano como seu objeto, para que assim ela possa vir a ser uma ciência aplicada do movimento humano. De acordo com ele, somente a partir disto, a EF será valorizada e conseguirá satisfazer todas as especificidades do campo.

Aqui circunscreve-se, portanto, o esforço em retomar – a partir de diálogo crítico e intenso com as literaturas teóricas reveladas mais autônomas no campo da EF em escala internacional –, o movimento humano não só como objeto de área, mas como aquilo que está no centro do grande programa de pesquisa da EF mundial (Souza, 2019a, p. 49).

Poderíamos nos perguntar: e quem diz que elas (as formas de ser da EF) querem isso? Não seria isto um casamento infeliz?<sup>7</sup> Ou mera ilusão, dado que muitos campos do saber têm sua legitimidade e reconhecimento social pelo que fazem, não pelo fato de ser ou não reconhecidas como ciência?

Presumimos que, mais importante do que a tentativa de definição do campo, é a compreensão e aceitação da EF como um “bicho mais estranho que o ornitorrinco”, isto é, devemos respeitar e valorizar a pluralidade do campo como sua condição epistemológica. Enquanto houver tentativas de classificações e rotulações (algumas, pejorativas) para afirmar certa abordagem ou matriz como a “verdadeira” e a única capaz de contribuir com o campo, a EF continuará a não se ocupar do que é mais relevante: a pertinência de sua intervenção e dos conhecimentos produzidos para sua sustentação.

Ao não admitirmos e valorizarmos a pluralidade do campo da EF, em analogia, é como se o ornitorrinco brigasse consigo mesmo por não aceitar que possui características de classes diferentes. Ele até poderia tentar não botar ovo, mas não conseguiria (e nem se reproduziria), é algo intrínseco a ele, assim como a pluralidade teórica e política se tornou constitutiva da própria ideia de EF.

O que propomos, neste breve artigo, é a afirmação da EF do ponto de vista da pluralidade de suas experiências, e dos conhecimentos demandados, em diálogo com os contextos contemporâneos em que se desenvolve. Parafraseando Hannah Arendt, o que propomos, “. portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo” (Arendt, 2010, p. 6), e,

---

<sup>6</sup> Mais informações sobre os 13 GTTs em <http://www.cbce.org.br/>.

<sup>7</sup> Para usar a epigrafe de Bracht (2003) citando Millor, na obra Educação Física e ciência – cenas de um casamento infeliz.

acrescentamos, como sustentamos o que fazemos. Nossa proposição inspira-se na radicalidade do fenômeno da pluralidade afirmada pela autora, e em analogia com o que ela afirma dos homens. Escreve ela:

Se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro, nem prever as necessidades daqueles que virão depois deles. Se não fossem distintos, sendo cada ser humano distinto de qualquer outro que é, foi ou será, não precisariam do discurso nem da ação para se fazer compreender. Sinais e sons seriam suficientes para a comunicação imediata de necessidades e carências idênticas (Arendt, 2010, pp. 219-220).

A ideação de uma EF plural já foi formulada por Daolio (1995) em meados da década de 1990. Visualizando o cenário em que EF escolar se encontrava, o autor postulou a sua defesa por uma EF plural. Que cenário era esse? Na óptica de Daolio, mesmo com os calorosos e significativos debates e discussões realizadas no bojo do campo da EF a partir da década de 1980, a prática escolar continuava sendo conduzida nos cânones da sua tradicionalidade, isto é, a função dos professores ainda se centrava em tentar “descobrir os alunos biologicamente bem dotados, burilá-los, a fim de que tenham oportunidades de chegar as equipes esportivas representativas da escola ou mesmo fora dela” (p. 41).

Tecendo uma contraposição a esse processo, Daolio (1995) sustentou uma proposta de EF escolar em que as aulas tivessem como princípio elementar a participação de todos os estudantes, rompendo com as perspectivas segregacionistas e exclusivistas. Outrossim, as aulas deveriam explorar todos os elementos da cultura corporal e não exclusivamente os conteúdos esportivos. São essas propostas de modificações no modo de se conduzir a prática pedagógica que o autor arrazoou como uma EF plural. Buscando sintetizar e ser fidedigno à concepção de Daolio, transcrevemos na sequência a sua proposta de EF plural, nas palavras dele:

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal - jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas - e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos (Daolio, 1975, p. 41).

Tendo visto isso, notamos que a proposta de EF plural proferida por Daolio estava circunscrita à dimensão escolar e seus conteúdos. Temos consentimento com tal proposição, todavia, a pluralidade que defendemos para a EF se imbrica à dimensão epistemológica, foco de nossa discussão neste texto. Nossa posição/argumentação é consonante com a de Fensterseifer (2000), quando o autor diz que se há uma unidade para EF, esta seria a valorização do debate argumentativo da pluralidade teórica e política que existe no campo. Afinal, a composição da EF é um mosaico de matrizes, vertentes, correntes, abordagens, assim, qualquer tentativa de uniformização será autoritária.

Afirmar sua unidade, não deve significar, portanto, a uniformidade, afinal, ninguém tem a “chave” da “Verdadeira Educação Física”; ela, tal como o poder de um sistema democrático, é um lugar sempre a ser preenchido, o que implica sempre em uma disputa de hegemonia. É um jogo sem fim, onde só perspectivas totalitárias podem querer por fim ao jogo, sob o argumento de uma pretensa identificação de *verdade e ser*, pretensão de fugir do plano da *linguagem*.

O esforço epistemológico, tal como eu o visualizo, não deve preocupar-se em apontar esta ou aquela vertente como a que expressa o que é a “Verdadeira Educação Física, mas identificar os diferentes discursos e seus pressupostos, mantendo vivo o debate argumentativo que produz, este sim, a *verdadeira Educação Física*, da qual somos artífices, os quais se movimentam no plano de finitude. O interesse na manutenção deste debate é a única, e frágil, garantia que sustenta a unidade da área (Fensterseifer, 2000, p. 36, grifos do autor).

Bungenstab (2020) fez uma análise das publicações nos principais periódicos da área com a finalidade de verificar o que tinha sido produzido no século XXI sobre a temática epistemologia. Como resultado, ele identificou duas tendências nas produções epistemológicas da EF no século XXI: uma que persiste nas classificações e rotulações da área através de debates

sobre os giros e da presença de teorias “pós modernas” e a outra, mais recente, que tem buscado romper com discussões sobre as diferentes perspectivas de ciência e de verdade, deslocando o debate para o esforço “.de compreender, analisar e refletir quais são os limites e possibilidades que os mais diversos autores trazem para a EF” (Bungenstab, 2020, p. 12).

Fazendo o desfecho de sua investigação, Bungenstab (2020) reflexiona a seguinte colocação

O que parece é que se torna fundamental continuar defendendo a pluralidade de teorias e ideias na área, sobretudo, porque ela permite que o debate se mantenha no nível das lutas travadas entre as ciências e as matrizes teóricas, mas também oportuniza que adentremos no âmbito do debate envolvendo autores específicos e suas leituras. Acredito que só dessa forma o campo da EF conseguirá (re)descrever sua própria trajetória enquanto área do conhecimento que pensa e se movimenta (Bungenstab, 2020, p.12).

Outrossim, corrobora-se com as ponderações feitas pelo autor. Não vislumbramos outra saída para a EF, senão a valorização da pluralidade teórica e política do campo. Dessa forma, teremos apenas uma bandeira a ser defendida na área, quer seja, a valorização da EF pelo que produz nos diferentes campos de intervenções, bem como, pelas reflexões teóricas que sustentam essas intervenções, sejam elas de natureza científica ou não. Portanto não apostamos no debate já aventado do ser ou não ser ciência, da mesma forma, descremos da ideia de que a definição de um objeto resolveria a questão (como se isso pudesse ser algo unilateral e puramente uma questão epistêmica). Visualizamos uma atividade epistemológica, em movimento, que nos permita compreender com radicalidade a racionalidade da constituição de seus saberes.

#### **4. Ponderações para Continuar Pensando**

O presente ensaio constituiu-se através do propósito de analisar o campo da EF a partir uma alegoria com o ornitorrinco. Metaforicamente pode-se perceber similitudes e pontos de contato do ornitorrinco com a atmosfera da constituição histórica da EF brasileira. A síntese que pode ser feita é: tanto o ornitorrinco, quanto a EF brasileira são casos de excentricidades na história, porém a excentricidade do primeiro teve um desfecho, já a da EF continua aberta. O interesse pelo tema, a tensão entre as posições, a disposição ao diálogo, nos parece ser o desfecho mais promissor.

Talvez alguns indaguem: como podemos deixar de ser o “bicho mais estranho que existe”? Pensamos que essa não seja a senda mais profícua para a área. O primeiro passo que precisamos dar é assumirmos e aceitarmos que somos esse “bicho estranho”, isto é, que nosso campo se tornou historicamente demasiadamente heterogêneo. Devemos conviver com certo mal-estar, assim como os humanos ao tornarem-se civilizados. Querer sair desse estado por uma definição heterônoma, como aconteceu aos ornitorrincos, seria uma manifestação de menoridade. Aprendamos a viver sem definições heterônomas. Isto evidenciaria nossa maioridade.

Afinal, qual campo do conhecimento não vive, em maior ou menor medida, em meio a pluralidade, disputas, contradições e paradoxos? Certamente, esta é uma característica de um tempo no qual fronteiras epistemológicas são borradas na mesma proporção que muros são edificados – fenômeno que evidencia a condição paradoxal na qual a humanidade se encontra. E na EF isso não seria diferente.

Mesmo que haja disputas, contradições, paradoxos, nos demais campos, normalmente não se nota uma querela veemente sobre a identidade epistemológica, tendo em vista que as discussões se voltam para as teorias, ideologias, concepções de mundo etc. Na EF, a identidade epistemológica continua sendo um “pomo de discórdia”. Podemos em metáfora dizer que os outros campos são como o ornitorrinco, vivem (não sem tensões) na diferença e na pluralidade. Enquanto que na EF não aceitamos nossa identidade plural, hora ou outra surgem tentativas de dar ao campo determinada identidade que desconsidera certas particularidades do bicho estranho que somos. Então, por não admitirmos que a identidade do nosso campo

se constituiu de forma diversa e plural, nossa crise de identidade é mais severa que a dos ornitorrincos. Ou seria essa uma percepção apenas nossa? Enfim, fica o convite para continuarmos o diálogo, o qual, nos parece, um possível ponto de unidade.

A segunda parte deste ensaio foi dedicada a discutir e luzir algumas possibilidades para se pensar o campo da EF. O ponto discutido que merece destaque refere-se à pluralidade da área. Advogamos a partir do embasamento de autores do campo que a EF é plural, tanto teoricamente, quanto politicamente, e que assim ela possa permanecer, afinal, Feyerabend (1977) já nos apresentou indicativos preeminentes de que a valorização da pluralidade é o caminho mais idôneo para o desenvolvimento do conhecimento e da humanidade.

Com uma disposição dialógica na pluralidade, teremos um campo plural de conhecimentos, de espaços de atuação, de teorias e ideologias. Ademais, seremos todos, enquanto assim decidirmos, da mesma “espécie”, logo, nossa única finalidade será de continuar vivendo, de preferência, bem, buscando reconhecimento pela nossa singularidade (para desespero dos catalogadores de plantão). Ademais, seremos todos ornitorrincos, e ao invés de falarmos da estranheza dos outros, medidos pela nossa régua, denunciemos a estreiteza de qualquer medida que não contemple os “seres reais” em sua pluralidade – em tempos sombrios de “negação do outro”, eis aí um “baita” desafio.

## Referências

- Almeida, F. Q., Vaz, A. F. (2010). Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em Educação Física. *Movimento*, 16(3), 11- 28.
- Almeida, F. Q., Bracht, V., Vaz, A. F. (2012). Classificações epistemológicas na Educação Física: re descrições.... *Movimento*, 18(4), 241-263.
- Arendt, H. *A condição humana*. (2010). Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Betti, M. *Educação física e sociedade*. (1991). São Paulo: Editora Movimento.
- Bracht, V. (2003). *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. (2a ed.), Ed. Unijuí.
- Bungenstab, G. C. (2020). Epistemologia da Educação Física brasileira: (re) descrições da atividade epistemológica no século XXI. *Movimento*, 26, 1-14.
- Castellani Filho, L. (1988). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Papirus Editora.
- Daolio, J. (1996). Educação física escolar: em busca da pluralidade. *Revista Paulista de Educação Física*, (2), 40-42.
- Fensterseifer, P. E. (2010). Educação Física: atividade epistemológica e objetivismo. *Filosofia e Educação*, 2(2), 99-110.
- Feyerabend, P. K. (1977). *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ghiraldelli Júnior, P. (1991). *Educação Física Progressista*. São Paulo: Edições Loyola.
- Leonel, Z. (1994). *Contribuição à história da escola pública: elementos para a crítica da teoria liberal da educação*. Tese (Doutorado em Educação), Unicamp, Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253849>, acessado em: 18/09/2020.
- Lima, H. L. A. de. (1999). *Pensamento Epistemológico da Educação Física Brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Lima, H. L. A. de. (2000). Pensamento epistemológico da educação física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 21(2), 95-112.
- Medina, J. P. S. (1990). *A Educação Física cuida do corpo e ... "mente"*. (9a ed.), Papirus.
- Oliveira, F. (2003). *Crítica da razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo.
- Romero, A. Jr. (1976). El ornitorrinco, ese absurdo mamífero ponedor huevos. *CUNY Academic Works*.
- Souza, J. de. (2019a). Digressões acerca da ciência aplicada do movimento humano (ou sobre como podem prosperar revoluções simbólicas na área de Educação Física?). *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 27(4), 43-63.
- Souza, J. (2019b). Educação física reflexiva – problemas, hipóteses e programa de pesquisa. *Movimento*, 25, 1-15.
- Tani, G. (1996). Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. *Motus corporis*, 3(2), 9-50.